



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

VERSOS ENDEREÇADOS: A POESIA DO CUIDADO DE KEY BALLAH

ANDRESSA PEREIRA DA SILVA

Rio de Janeiro

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

Andressa Pereira da Silva

VERSOS ENDEREÇADOS: A POESIA DO CUIDADO DE KEY BALLAH

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciada em Letras na habilidade Português-
Literaturas.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Luciana Maríia di Leone

Rio de Janeiro

2023

ANDRESSA PEREIRA DA SILVA
DRE: 119151267

VERSOS ENDEREÇADOS: A POESIA DO CUIDADO DE KEY BALLAH

Data de avaliação:

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Luciana Maria di Leone (UFRJ)

NOTA:

Mestra Taís Bravo Cerqueira (UFRJ)

NOTA:

MÉDIA:

RIO DE JANEIRO

2023

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me sustentar e me nutrir de fé.

À minha filha Lara, minha poesia em versos livres, leves e soltos. Você me inspirou a cada palavra escrita, a cada texto lido e a cada pesquisa feita. Suas demonstrações de afeto, seus abraços e beijos, me fortaleceram entre uma escrita e outra, mesmo diante do cansaço latente.

Ao Matheus pelo companheirismo e afeto, principalmente ao se tornar pai da Lara. Por me ajudar a tornar reais os meus sonhos, por ter sido a minha voz quando eu não pude falar, meus olhos quando eu não pude ver e minhas pernas quando eu não conseguia mais andar.

Aos meus pais, Marilda e Daniel, expresso minha profunda gratidão por terem acreditado em mim, mesmo quando não segui os caminhos que desejavam. Agradeço por terem me acolhido em um momento difícil da minha vida e por me incentivarem a nunca desistir. O amor e o apoio de vocês foram fundamentais para minha jornada, e sou eternamente grata por tê-los ao meu lado.

Às mulheres que me cercam, por dividirem comigo durante todos esses anos o peso e a graça de ser mulher. Em especial, dedico minha gratidão à Vanessa e Daniella, minhas irmãs, por serem minhas companheiras de vida, agradeço também a minha mãe Marilda, minha avó Margarida, Viviane e Dn^a Marli.

Ao Sr. Ézio, o avô que eu não tive, por ter permitido e dado todas as condições para que este momento se cumprisse. Por ter acreditado, confiado e esperado o melhor de nós.

Aos meus amigos, pelo encorajamento diário.

À minha orientadora Luciana Di Leone pelo gesto delicado e acolhedor que fez com que eu não desistisse, por toda inspiração, suporte, orientação, paciência e afeto durante esses anos.

Às minhas companheiras de pesquisa, pelas trocas e conversas incansáveis.

DEDICATÓRIA

*Para Lara,
que a chuva seja uma metáfora constante de transformação e renascimento em sua
jornada.
Conte comigo.
Com todo amor,
sua mãe.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
“PARA MINHA FILHA” - ENDEREÇAMENTO E COLETIVIDADE	11
A JORNADA DO CUIDADO DE SI E DO OUTRO.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
BIBLIOGRAFIA.....	36

INTRODUÇÃO

A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história. [...] As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. [...] quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso.

(Chimamanda Ngozi Adichie)

Este trabalho foi elaborado a partir de um grupo de pesquisa iniciado em setembro de 2019, que buscava estudar poesias contemporâneas escritas por mulheres. A pesquisa teve como ponto de partida a “iniciativa” e o site Mulheres que Escrevem, cujo propósito é divulgar e editar conteúdos produzidos por mulheres, atuar em curadoria, e propor debates que têm como objetivo discutir a presença feminina na escrita ou nos textos, com mais visibilidade. O projeto nasceu em 2015 e é liderado por uma equipe de cinco mulheres: Taís Bravo, Natasha R. Silva, Estela Rosa, Seane Melo e Tati Vidal. Hoje o site conta com dezenas de colaboradoras e tem como objetivo consumir, divulgar e fortalecer a rede de mulheres escritoras.

Depois de fazer uma leitura panorâmica do site e uma busca por poemas que falassem sobre aspectos da maternidade, tema sobre o qual me interessava desenvolver uma pesquisa, encontrei quatro poemas da escritora Key Ballah. Os poemas, publicados no site no dia 1º de março de 2017 e traduzidos por Taís Bravo, são: “Uma lista de tarefas para o amor próprio”, “10 coisas que aprendi sobre perdoar” e dois que não possuem título, tendo como primeiros versos [“O perdão é uma coisa pesada”] e [“Você tenta amar seu corpo”]. Apesar dos quatro poemas não abordarem de forma explícita o tema principal pelo qual eu tinha interesse, chamaram a minha atenção por serem carregados pelos chamados “trabalhos de cuidado”, apresentados não apenas pela descrição de tarefas, mas de certa forma trabalhados desde uma dimensão política, como se a maternidade

mostrasse uma dimensão política também. A seguir, o primeiro poema lido no site Mulheres que escrevem que me chamou atenção:

Você tenta amar seu corpo,
 mas você não parece conseguir encará-lo
 com os dois olhos abertos.
 Você deseja apreciar suas
 mãos,
 mas é difícil apreciá-las
 quando elas contribuíram tão
 inteiramente para sua destruição
 Essas são as políticas do seu corpo,
 é normal não confiar em si mesma.
 Mas eventualmente,
 todos precisam se curar.
 (2014, p.9, tradução Taís Bravo) ²

Assim, os poemas se mostravam, então, como um objeto de pesquisa instigante. Key Ballah, a autora, é uma escritora canadense, que vive em Toronto, mas ela é pouco conhecida, sua vida é reservada e pouco se encontra informações a respeito do seu trabalho. Toda informação que eu tinha sobre ela e sua obra se limitava à entrevista feita pela escritora Orit Mohamed e publicada na página Blavity, cuja tradução também está disponível no Mulheres que Escrevem.

Já em relação à produção, os poemas publicados na Mulheres que escrevem pertencem ao livro *Preparing my daughter for rain*, publicado em 2014 de forma independente, pela plataforma CreateSpace. O livro possui 98 páginas e está disponível apenas em inglês, o que tornou este trabalho muito desafiador, portanto, muitos poemas foram traduzidos por mim e também por Vitória Daumas, uma amiga que se disponibilizou para ajudar.

Na capa do livro, a foto de uma criança no colo de uma mulher dá a entender que se trata de uma mãe e uma filha, possivelmente a autora e sua mãe no passado (os óculos da mulher lembram os usados na década de '80), ou ela e sua filha – talvez a filha do título - mas isso não está explícito nem nas informações do livro, nem em nenhuma entrevista encontrada, nem no corpo do livro. O que mais chama atenção na capa é que a foto não é editada e nem produzida, nela a mulher se encontra dispersa, essa espontaneidade demonstra que a foto pode ter sido escolhida - principalmente - pelo que simboliza, pelo significado e afeto que carrega. A possibilidade de termos essa foto como

¹ <https://medium.com/mulheres-que-escrevem>

² You try to love your body,/but you can't seem to look at it with both eyes/open./You want to appreciate your hands,/but it's hard to appreciate them when they have/contributed so foully to your destruction./These are your body politics,/it's okay to not trust yourself./But eventually,/we all must heal

referência para o que está escrito no corpo do livro, levanta a hipótese de pensarmos que os poemas são escritos sobre elas ou para uma delas ou como referência afetiva. Pensamos que os poemas falam da vida de alguém, mas não é possível termos certeza disso.

É importante ressaltar que no decorrer deste trabalho será utilizado o termo “sujeita poética”. A utilização do termo no feminino em vez de "sujeito poético" tem relação com uma perspectiva de gênero e busca dar visibilidade e reconhecimento à voz feminina na poesia. A escolha será devido ao fato de que historicamente a poesia e a literatura em geral foram dominadas por vozes masculinas, relegando as vozes femininas a um segundo plano. Utilizar este termo é uma forma de valorizar e enfatizar as vozes femininas na poesia.

Os poemas do livro, de forma geral, caracterizam-se pela ausência de títulos. Predomina o uso da segunda pessoa, e encontramos frequentemente falas sobre perdão, cura, amor, fé e retratos das vivências da sujeita poética, que associamos à autora. Essas vivências são marcantes e significativas, levando à necessidade de transmitir saberes e experiências para sua filha. Os versos são fundamentais para refletir sobre a experiência da maternidade ou maternagem, que é múltipla e complexa. No entanto, as reflexões afetuosas presentes no texto de Key Ballah se estendem além de sua família, pois sua simplicidade e força têm o poder de alcançar e se relacionar com qualquer relação mãe-filha existente no mundo, bem como com qualquer pessoa envolvida no trabalho materno, independentemente de gênero, sexo ou vínculo biológico com a criança.

Através de histórias, conselhos, pensamentos e afetos, Ballah cria uma coletânea, uma espécie de “manual” para a vida. O livro possui capítulos que tem como títulos “O corpo”, “O coração”, “A terra” e “A alma”, sendo os poemas separados por estes temas, porém, é comum encontrarmos poemas em que todos os temas se misturam. A partir das leituras, questiona-se qual é a relação que se desenha com a filha, trata-se de uma coletânea de lições ou de uma exposição das próprias experiências e fraquezas? Para além de uma ideia de instruções ou regras que o próprio título sugere, os poemas trazem uma visão da sujeita poética submergida por muitas experiências, dotada de uma consciência que se revela através dos próprios conselhos, reflexões acompanhadas de dúvida, medo e inseguranças.

Este trabalho tem como objetivo destacar, analisar e relacionar os poemas aos temas da maternidade ou maternagem, dos trabalhos de cuidado e do corpo. Para uma melhor compreensão, é importante comentar os termos "maternidade" e "maternagem",

que são traduções dos conceitos de motherhood e mothering, respectivamente, conforme abordados na pesquisa doutoral de Maria Collier de Mendonça (2014):

Segundo O'Reilly[...] , a maternidade se refere aos sentidos culturais e sociais (respaldados pela distinção biológica que possibilita à mulher gerar uma criança), e conferem institucionalidade ao papel das mães; enquanto a maternagem diz respeito às práticas relacionadas ao cuidado com as crianças, normalmente atribuídas às mães ou, de modo menos exigente/intenso, a outros/a cuidadores/as. (CRUZ e MENDONÇA, 2021, p. 43)

Esses conceitos abrem espaço para discutir a subjetividade na construção da identidade feminina na sociedade e como cada mãe exerce sua maternidade e maternagem. O projeto literário de Key Ballah tem como marca a reflexão e problematização dessa relação materna, destacando o ato de cuidar ao se dirigir à filha e ao mundo. Portanto, este trabalho tem como objetivo demonstrar como essa poesia é influenciada tanto pela maternidade como uma instituição patriarcal, quanto pela maternagem como uma dimensão política, comunitária e de convivência. Para abordar essas questões presentes nos poemas, será necessário recorrer a textos críticos e teóricos. Nesse sentido, foram selecionadas algumas escritoras que tratam desses temas de forma mais abrangente

Este trabalho será dividido em capítulos que abordarão de forma mais profunda alguns temas. No primeiro capítulo, será apresentado o conceito de endereçamento, suas formas e propósitos nos poemas, explorando sua dimensão íntima e comunitária. O segundo capítulo será dedicado a apresentar os chamados “trabalhos de cuidado”. Propõe-se a leitura de poemas que abordam os aspectos maternos e afetivos, com ênfase na maternidade negra, de maneira mais específica e atenta

“PARA MINHA FILHA” - ENDEREÇAMENTO E COLETIVIDADE

Este livro apresenta uma escrita afetuosa, ao mesmo tempo dura e firme, refletindo a maneira como uma mãe deve ser. O endereçamento, que é o ato de direcionar o poema a uma pessoa, objeto, entidade ou até a si mesmo, aparece de forma explícita nos poemas a seguir. Além disso, o endereçamento presente neste livro surge como um diálogo direto com o destinatário, expressando sentimentos, pensamentos e questionamentos. Ele também evoca a presença do destinatário como uma figura simbólica e representativa, especialmente porque essa filha não existe, sendo apenas uma representação de um desejo ou preocupação.

Eu escrevi isso para a minha futura filha.
 Eu oro para que a dor desta vida
 nunca aperte sua garganta
 ou endureça seu coração.
 É melhor ser uma pilha de ossos moles,
 do que uma parede, feita inteiramente de concreto.
 - Eu te amo ³

(2014, tradução minha)

O livro inicia com esta dedicatória que expressa de forma clara o endereçamento. Além disso, um segundo prólogo/poema antecede o início dos poemas, desta vez dirigido à sua mãe, a quem Ballah faz referência em algumas partes do livro.

E para minha própria mãe,
 O céu para mim está aos seus pés.
 E meu coração aprendeu com o seu
 Como amar tanto quanto pode.
 Eu sou grata por todas as coisas que você
 me ensinou,
 e mesmo que pareça que eu sempre me afasto
 do caminho que você traçou
 para mim,
 eu guardo você no meu coração.
 Então, onde quer que meu coração me leve,
 onde quer que meu Deus me queira
 e onde quer que meus pés decidam ir,
 você está lá.
 Perdoe-me por machucá-la
 todas as vezes em que minha língua estava afiada.
 Sou um trabalho em progresso
 e estou aprendendo que suas mãos

³ I wrote this for my future daughter./I pray that the pain of this life,/never ever tightens your throat,/or hardens your heart./It is better to be a pile of soft bones,/than a wall, made entirely of concrete,/ I love you.

suportaram anos de sacrifício,
 que suas costas carregaram meus fardos
 e os seus,
 e que você nunca tentou diminuir
 essa carga.
 Sem você,
 eu não teria aprendido a lutar.
 Merci Mama,
 Je t'aime. ⁴

Neste prólogo, podemos identificar algumas marcas textuais. Observa-se a repetição do pronome "você", o que reforça a ênfase e a importância da figura materna. Além disso, é perceptível a liberdade formal em relação à estrutura dos versos e o uso de figuras de linguagem. Um exemplo é o verso "O céu para mim está aos seus pés", que utiliza uma metáfora para transmitir o sentimento de profunda reverência e admiração em relação à mãe. Essa marca também se repete ao longo dos poemas, enfatizando a importância do núcleo familiar.

No decorrer da leitura dos poemas propostos nesta monografia, será possível observar que eles colocam em questão a ideia de destinatário singular, pois a partir do momento em que este poema é exposto, não se trata mais de um eu que envia e de um alguém que o recebe, mas torna-se um ato coletivo e comunitário. No ensaio intitulado *Singular e anônimo*, Silviano Santiago (1989), a respeito do destinatário dos poemas de Ana Cristina Cesar, afirma: “o poema não é um discurso em praça pública para a massa indistinta, nem papo a dois confluyente e íntimo, apesar de ser linguagem em travessia [...]”(p.54). Isto pode ser estendido ao trabalho de Key Ballah.

Desde o título do livro *Preparando minha filha para a chuva*, explicita-se a preocupação/cuidado com o destinatário, e o endereçamento à filha ocorre com clareza em muitos poemas. Porém, muitas vezes os versos constituem o que no *Indiccionario do Contemporâneo* (2016) se discute sobre “problema de destinação”, em determinados momentos do texto há variações em que não se consegue identificar para quem se fala. No capítulo “Endereçamento e poesia” do livro *Indiccionario do Contemporâneo* (2016, p. 99), se discute o momento em que o problema de destinação se liga a uma problemática mais ampla sobre o lugar da “experiência pessoal”. Quem é esse "eu" poético que persiste

⁴ And to My Own Mother, /Heaven for me is at your feet,/And my heart has learned from yours/How to love as hard as it can./I am grateful for all of the things you've taught/ me,/and even though it seems like I always/wander off of the path you've drawn up for me,/I keep you/in my heart,/So, where ever my heart takes me,/where ever my God wills me/and where ever my feet decide to go,/you are there./ Forgive me for hurting you/ all of the times my/tongue was sharp./I am a work in progress/and I am learning that your hands have worn/years of sacrifice,/that your back has carried my burdens and/yours,/and that you have never tried to lessen that load./Without you,/I wouldn't have learned how to fight./Merci Mama,/Je t'aime.

ao longo dos versos? De quem é a voz que ressoa na poesia? Para quem se destina? A questão da destinação está intrinsecamente ligada a uma problemática mais ampla de “sinceridade”, “intimidade” e de “experiência pessoal”, elementos que desempenham um papel crucial na forma como os poemas são concebidos, escritos e recebidos. Tornam-se elementos centrais na poesia e o “eu” que fala desperta questionamentos sobre a sua identidade, autenticidade e intenção. Isso fica claro na parte do livro intitulada "O coração", por meio de dois poemas. O primeiro deles é:

Quando você não consegue parar de pensar nele,
e você sabe que tem que fazer isso,
quando você arde em pensar nele,
quando ele te consome.
Quando você não tem memórias,
exceto aquelas em que ele está,
quando você pede a Deus para salvá-lo,
mas ao invés disso ele diz “nade”.
Quando sua pele fica tensa e cada minuto
que passa, desperta em você náuseas.
Lembre-se que sua avó sobreviveu,
ela viveu o amor,
ela resistiu o meio sombrio da tempestade,
ela levou anos,
mas ela o fez.
E você Rainha, é talho do mesmo pano.
(2014, p.21, tradução Vitória Daumas) ⁵

Como marcas textuais desse poema temos a repetição da palavra “quando” no início de cada verso, que cria um ritmo e enfatiza a intensidade das emoções descritas no poema. Mais uma vez o uso repetido da segunda pessoa, o seu uso constante cria uma sensação de proximidade e intimidade com o leitor ou com o destinatário específico mencionado no texto, pode ainda dispor de uma necessidade de transmissão de instruções, conselhos ou revelar pensamentos íntimos da sujeita poética ao interlocutor imaginário. O uso da metáfora “ele te consome” revela a intensidade do sentimento expresso. As descrições de sensações físicas, como a pele tensa e as náuseas, evocam imagens sensoriais que intensificam a emoção e a angústia presentes no poema. Dessa forma, a técnica permite que o leitor seja convidado a entrar na “mente” da poeta, compartilhar de

⁵ When you can't stop thinking about/him,/ and you know that you have to,/when you burn at thoughts of him,/when you wait by your phone for him,/when he consumes you./When you have no memories except/for the ones he's in./When you ask God to save you,/but instead he says "swim"./When your skin feels tight, and every/waking minute makes you nauseous./Remember, that your grandmother/survived,/she lived through the love, she weathered the thick black of the/storm,/it took her years,/but she did it./And you Queen, were cut from the same cloth.

suas emoções e reflexões. No último verso, o destinatário é revelado através do vocativo “Rainha”. Essa referência surge de forma singular e não totalmente anônima (imagina-se que seja a filha, a quem se endereça muitas vezes).

Logo no poema a seguir não se consegue mais identificar o endereçado, o mesmo não está nomeado:

Eu amei até as suas partes feias,
 as partes que me fizeram engasgar e cuspir e estremecer.
 Eu me vi naquelas partes,
 e eu não conseguia desviar o olhar.
 ... e eu esperei muito tempo
 por homens que queriam nada mais do que
 corpo caloroso.
 Eu esperei com as mãos vazias, o coração dolorido,
 e a "sabedoria" mal aconselhada de tias que me dizem
 que meu corpo é apenas um santuário, um templo
 em que eu mesma nunca poderei entrar.
 Às vezes quero ser desconsagrada de uma forma que
 me faça sentir viva,
 às vezes quero passar o resto da minha vida em
 prostração,
 esquecendo o quão feia suas mãos sujas
 me fizeram sentir.
 (2014, p. 22, tradução Vitória Daumas) ⁶

A quem se fala? Não importa, o poema monta, dramaticamente, uma dúvida, o que faz pensar em uma obra que mistura questões autobiográficas, certo tom confessional e também a construção via linguagem de uma relação desse eu com um outro alguém, singular e anônimo, como entendia Silviano Santiago. Não se tem conhecimento a quem a sujeita poética se refere, embora esse modo de enunciação como forma de confissão e desabafo apareça algumas vezes ao longo do livro. O foco principal é traçado pela relação entre a sujeita poética como mãe e a filha, cujo endereçamento é explícito na maior parte da obra

No poema “Uma lista de tarefas para o amor próprio”, que apesar de possuir contextos que envolvem o cuidado, tema que será discutido no próximo capítulo, tem como foco o endereçamento, lê-se:

Uma lista de tarefas para o amor próprio:

- Lave sua pele com água morna.

⁶ I loved even the ugly parts in you,/the parts that made me gag and spit and cringe./I saw myself in those parts,/and I couldn't look away./...and i've waited too long/for men who've wanted nothing more than a/warm body./I've waited with emptying hands, aching heart,/and ill advised "wisdom" from aunties who tell/me that my body is only a sanctuary, a temple/that I myself may never enter./Sometimes I want to be desecrated in a way that/makes me feel alive,/sometimes I want to spend the rest of my life in/prostration,/forgetting just how ugly their disty hands have/made me feel.

- Use o dedo indicador de sua mão direita para comer mel direto do pote.
 - Escreva uma carta de amor para si mesmo.
 - Peça para sua mãe dizer o quanto ela te ama. Ouça com cuidado a verdade em sua voz.
 - Diga ao seu pai que você o perdoa.
(Tente perdoá-lo, por mais clichê que isso soe, o perdão é na verdade para você).
 - Leia o primeiro capítulo do seu livro favorito, se você não conseguir parar, leia o quanto conseguir.
 - Saia de casa. Não importa o clima, mesmo que você só fique em uma varanda, mesmo que seja apenas por alguns segundos. O ar fresco queima a tristeza.
 - Se alongue...
 - Toque todas as suas cicatrizes e relembre seus aniversários, lembre-se de quão longe você veio.
- (2014, p.5, tradução Taís Bravo)⁷

O poema apresenta uma estrutura de lista. Os verbos no imperativo exprimem comandos, ordens ou sugestões diretas. No ato de utilizar em cada verso este modo verbal, a sujeita poética assume uma posição de autoridade ou de influência sobre o leitor e/ou sobre a quem se destina, buscando assim direcionar suas ações, pensamentos e emoções. Este modo de incitar alguém, já sugestionado desde o título do livro, tem como objetivo mostrar a intencionalidade de inspira-la ou motiva-la a agir de acordo com os valores ou ideais transmitidos no poema.

O título traz um objetivo, que é o alcance do amor próprio, dessa forma, o uso do imperativo cria um senso de urgência, fazendo com que o leitor se sinta compelido a seguir as instruções ou conselhos propostos. Essa estratégia se torna eficaz a partir do momento em que consegue transmitir emoções intensas, reflexões ou despertar a consciência sobre as questões expostas.

Os versos - se ainda for possível ou fizer sentido falar de versos - convocam a um movimento, uma saída da zona de conforto, assim como ao acesso ao seu “eu interior”, um interior pessoal que é, ao mesmo tempo, de qualquer um. Ou seja, um lugar que é singular, mas não é individual, é particular, mas não é pessoal. A natureza dos versos de um poema é multifacetada, os versos geralmente são caracterizados em sua estrutura com

⁷ A Self-Love To Do List:/- Rinse your skin with warm water./- Use your first finger on your/right hand to eat honey out of/the jar./- Write yourself a love letter./- Ask your mother to tell you/how much she loves you./Listen carefully to the truth in/her voice./-Tell your father that you for-/give him./(T ry to forgive him, as cliché as it/sounds, forgiveness really is for/you)./- Read the first chapter of your/favorite book, if you can't/stop, read until you can./-Go outside. No matter the/weather, even if you just/stand on a balcony, even if it's/only for a few seconds. Fresh/air buries sadness./- Stretch./- Touch all of yours scars and/remember their birthdays, re-/mind yourself how far you've come

métrica, ritmo e rima. A incerteza ao deparar-se com um poema escrito em lista se dá pelo desafio de olhá-lo além dessa estrutura comum e compreender a liberdade criativa que o poema pode assumir, assim como a sua diversidade de formas. Este poema não possui um destinatário explícito, parece fazer questão de marcar múltiplas formas de endereçamento, todas particulares em diferentes níveis. Ele caminha pela ideia do endereçamento enquanto algo que produz no texto movimento, como está claro no livro *Indicionário do Contemporâneo*:

Trata-se então de pensar o endereçamento como algo que produz no texto um movimento, um deslocamento, através de uma conversação ou de uma correspondência em aberto, uma palavra em trânsito, poderíamos dizer, que não tem destino certo, um remete certo, um leitor, o leitor, mas trabalha, segundo a sugestão de Siscar, com a estratégia de irritação e de sedução do leitor, constituindo e modulando-se nesse encontro, como ocorre na escrita de cartas. (PEDROSA et alii, 2018, p. 104)

As tarefas propostas no poema abrangem uma variedade de aspectos da vida pessoal, abordando desde cuidados físicos, como lavar a pele com água morna e alongar-se, até ações emocionais, como escrever uma carta de amor para si mesmo e perdoar os pais. Além disso, o poema ressalta a importância de reconectar-se com a natureza, incentivando a sair de casa mesmo que por breves momentos, para sentir o ar fresco e renovador.

O primeiro verso do poema convoca à ação de se preparar para o início do processo, estabelecendo uma intenção clara de dar início às transformações pessoais. O ato de tomar um banho em águas mornas é ilustrado como um momento de relaxamento e conforto, preparando-se para enfrentar os próximos desafios que podem exigir esforço emocional, momentos de reflexão e a necessidade de acolhimento.

O segundo verso "Use o dedo indicador de sua mão direita para comer mel direto do pote" transmite a ideia de desafiar regras e etiquetas, contrariando o papel tradicionalmente atribuído a uma mãe. A ação de comer o mel diretamente do pote é uma metáfora de prazer e indulgência pessoal. Ela sugere a importância de permitir-se pequenos prazeres na vida, de desfrutar das coisas simples e gratificantes. Além disso, essa ação demonstra simplicidade e intimidade, podendo ser associada a momentos de conforto e proximidade consigo mesma, ressaltando a importância do autocuidado e da conexão pessoal.

Ao longo do poema, a ideia de uma lista de tarefas comum a todos os leitores se torna contraditória. As ordens ou comandos presentes no poema não se aplicam a todas as

peças, uma vez que cada um possui personagens, questões e hábitos específicos. Isso evidencia que o poema possui um contexto pessoal, embora sugira que outra pessoa o execute. Por exemplo, o verso "Diga ao seu pai que você o perdoa (Tente perdoá-lo, por mais clichê que isso soe, o perdão é na verdade para você)" pressupõe e generaliza a ideia de que a existência de um problema com o pai seja comum, seja na vida pessoal da sujeita poética ou na experiência frequente de testemunhar isso.

O endereçamento, até então revelado através de uma linguagem comunitária, que não se restringe a alguém em específico, começa a se tornar algo mais íntimo. A poesia de Key Ballah transita o tempo inteiro entre esses espaços coletivos e individuais: "A linguagem poética existe em estado de contínua travessia para o Outro" (2000, p.54), afirma Silvano Santiago. Em *Correspondência Incompleta*, Armando Freitas Filho afirma a respeito de algumas cartas e cartões-postais de Ana Cristina Cesar, esta essa citação ajuda a compreender o modo como Key Ballah desenvolve sua poesia:

Era como se primeiro ela escrevesse para alguém e depois o que tinha endereço ou destino torna-se, através de uma estratégia dissimulatória, errante, sem referente claro, mensagem na garrafa, atirada ao oceano de todos para ser aberto por Ninguém ou por qualquer um, ao acaso.

No último verso, "Toque todas as suas cicatrizes e lembre seus aniversários, lembre-se de quão longe você veio", o ato de tocar as cicatrizes e lembrar os aniversários cria uma ideia de repetição. As cicatrizes e os aniversários, elementos centrais desse verso, são aqui o ponto que indica permanência, marcas, tempo, ciclo e memórias o que sugere que essa tarefa é contínua. Tornar o passado algo sempre lembrado desempenha o papel de compreensão da identidade, fornece aprendizado e compreensão, pois é através das lembranças que se aprende com os erros, as experiências passadas fornecem lições valiosas que permite que tanto a sujeita poética quanto a quem o poema se destina elaborem o passado e tomem decisões mais conscientes.

O amor próprio torna-se um sujeito na frase? O que fazer com o amor próprio após consegui-lo? Elencados em itens, os versos do poema constituem-se de forma apelativa, pois possuem ordens diretas que a sujeita poética exige ou pede ou aconselha o leitor. A intenção dessa lista não é simples como uma receita de bolo, se trata de uma receita que busca o alcance do amor próprio. Desse modo, a sujeita poética sugestiona que o amor próprio se torna algo que, mesmo difícil, pode ser feito dessa conquista ou o que ela

significa, também não está claro a quem se fala, tampouco se esse poema é uma representação pessoal das suas próprias experiências ou uma tentativa de ajuda comunitária.

Na revista “Outra travessia”, um programa de pós-graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, um artigo sobre Ana Cristina Cesar e Paulo Leminski discute a respeito dos conceitos de correspondência, endereçamento e retoricidade. Segundo o texto, Leminski explora a noção de “Ficções no polo emissor” e argumenta que o eu poético pode ser fingido ou assumir a identidade de outra pessoa. Além disso, aborda também as “Ficções do polo receptor” e questiona quem é o alvo invisível do texto criativo. Ele distingue entre o público efetivo, composto pelos leitores reais, e o público simulado, que faz parte do próprio processo criativo do escritor ou poeta. Leminski sugere que é impossível conhecer completamente esse “outro” público e considera desonesto afirmar que se sabe quem é esse leitor ideal. Para Leminski: “o escritor é impossibilitado, na prática, de ler e atingir o público que deseja. Resta a solução melancólica de simular seu público”. (p.7)

Embora o modo de enunciação como confissão e desabafo esteja presente em algumas partes do livro, o foco principal se estabelece na relação entre a sujeita poética, que é mãe, e sua filha. O endereçamento, que inicialmente parece direcionado a uma única pessoa, perde seu referencial neste poema em particular. No entanto, a todo momento há uma tentativa de realizar algo em relação a alguém, e isso só faz sentido e se completa com a presença e interação de outro indivíduo, seja quem for o espectador. No livro *Indicionário do Contemporâneo*, é citada uma fala de Ana Cristina Cesar que diz: “A gente não sabe direito para quem a gente escreve. Mas existe, por trás do que a gente escreve, o desejo do encontro ou o desejo de mobilização do outro” (apud. PEDROSA et alii, 2018, p.113).

Assim, apesar do livro apresentar momentos de confissão e desabafo, o foco principal está na relação entre a sujeita poética mãe e sua filha, sendo que o endereçamento do poema busca a presença e interação do espectador, sem especificar quem ele seja. Essa abordagem reflete o desejo de encontrar ou mobilizar o outro, como ressaltado na citação de Ana Cristina Cesar.

A através de uma sujeita poética negra, o poema relata experiências, perspectivas de vida, idealizações, e a coloca em um lugar de fala, onde pode e vai verbalizar poeticamente seus desejos, vivências, e assim direcionar sua escrita. Conceição Evaristo utiliza o termo “escrevivência” para descrever sua literatura, que está comprometida com

a condição da mulher negra em uma sociedade marcada pelo preconceito. A seguir, apresento um fragmento de uma entrevista em que Evaristo discute esse tema:

Quando eu usei o termo é... escrevivência [...] se é um conceito, ele tem como imagem todo um processo histórico que as africanas e suas descendentes escravizadas no Brasil passaram. Na verdade, ele nasce do seguinte: quando eu estou escrevendo e quando outras mulheres negras estão escrevendo, é... me vem muito na memória a função que as mulheres africanas dentro das casas-grandes escravizadas, a função que essas mulheres tinham de contar história para adormecer os da casa-grande, né... a prole era adormecida com as mães pretas contando histórias. Então eram histórias para adormecer. E quando eu digo que os nossos textos, é..., ele tenta borrar essa imagem, nós não escrevemos pra adormecer os da casa-grande, pelo contrário, pra acordá-los dos seus sonos injustos. E essa escrevivência, ela vai partir, ela toma como mote de criação justamente a vivência. Ou a vivência do ponto de vista pessoal mesmo, ou a vivência do ponto de vista coletivo. (EVARISTO, 2017, apud REMENCHE; SIPPEL, 2019, p. 44)

“Escrevivência” é um conceito-chave na obra de Evaristo que representa a fusão entre escrita e vivência. Esse termo é um modo de se perceber como a escrita da poeta é profundamente enraizada em sua própria experiência de vida, nas vivências de ser mulher negra e nas realidades sociais e histórias do povo afro-brasileiro. Assim como Key Ballah a poesia de Evaristo é uma forma de expressão literária que une a experiência pessoal com a construção artística, utiliza a escrita como uma ferramenta para dar voz às histórias e as vozes que muitas vezes foram marginalizadas e silenciadas pela sociedade, nesse sentido, tomamos conhecimento de que a poesia negra possui características específicas, dentre elas podemos destacar a comunidade e a coletividade, como recurso de fortalecimento mútuo. Através de mais alguns poemas de Ballah veremos mais uma vez o poema direcionado “para minha filha”, em que os aspectos da escrevivência também aparecem:

Para minha filha,
Eu quero desenhar nossa árvore genealógica,
nas solas dos seus pés.
assim você terá raízes
onde quer que você escolha ir.
(2014, p. 54, tradução minha) ⁸

⁸ For my daughter,/I want to draw our family tree,/on the soles of your feet./that way you will have roots/where ever you choose to go.

Esse poema, intitulado "Para minha filha", se dirige a um leitor singular e não anônimo, tornando evidente a voz do eu que fala, que é a mãe. Diferentemente do poema anterior (Uma lista de tarefas para o amor próprio), ele não segue as regras tradicionais de pontuação e utiliza letras minúsculas. Essas características podem ser associadas às poéticas de outras escritoras contemporâneas, como Nayyirah Waheed, Warsan Shire e Rupi Kaur.

No verso "Eu quero desenhar nossa árvore genealógica", há o eco de vozes da ancestralidade da sujeita poética. Ele enfatiza a importância de trazer à tona os ancestrais, suas histórias e suas lutas, como elementos de resistência, força e continuidade. O verso expressa o desejo de transmitir a história, a cultura e a identidade da comunidade negra para as gerações futuras. O pronome "eu" se configura através do coletivo "árvore genealógica". Para assumir a primeira pessoa, foi necessário resgatar as vozes que foram apagadas e silenciadas ao longo do tempo, dando origem a uma nova narrativa.

O ato de desenhar a árvore genealógica simboliza a representação desse passado, que tem o propósito de lembrar e manter viva a memória. Isso nos faz lembrar da última estrofe do poema "Vozes-Mulheres" de Conceição Evaristo, que ressalta a importância da coletividade e da memória. No poema em questão, vozes femininas são mencionadas, como bisavó, avó e mãe, que ao longo das gerações traçaram o caminho para uma consciência histórica sobre o papel dos negros. No final, a filha é capaz de reunir essas vozes, resgatando o passado, criando consciência sobre o presente e agindo no agora

(...)

A voz de minha filha

recolhe em si

a fala e o ato.

O ontem – o hoje – o agora.

Na voz de minha filha

se fará ouvir a ressonância

O eco da vida-liberdade.

(In: *Poemas de recordação e outros movimentos*, 3.ed., p. 24-25)

Os versos "desenhar nossa árvore genealógica,/ nas solas dos seus pés", nos faz pensar em uma poesia que aborda a preocupação com o relacional e a possibilidade de viver junto. A análise da poesia não pode ser dissociada do contexto sociocultural e das interações humanas que a permeiam. O estudo dos afetos, das relações interpessoais e das formas de convivência influencia a criação artística.

A importância das relações interpessoais, das interações sociais e a dimensão afetiva da existência humana são temas de estudo para muitos filósofos, o poema cria, portanto, a possibilidade de viver ao mesmo em companhia e em liberdade. Essa ideia

possibilita o questionamento da definição tradicional do termo “comunidade”, baseada em noções de identidade compartilhada, pertencimento e coesão, uma vez que essa noção de comunidade limita, exclui, reforça a ideia de “nós” x “eles” e perpetua uma ideia de poder, violência e segregação.

No poema de Key Ballah, de linguagem coletiva, a sujeita poética, ao utilizar o pronome “nossa” estabelece uma conexão entre ela mesma, a filha e a ancestralidade. Transcende as barreiras do individual, buscando alcançar um senso de comunidade e conexão através de dois símbolos significativos: "sola" e "raízes". Esses elementos evidenciam de maneira efetiva a intenção de estabelecer vínculos coletivos. Ao mesmo tempo, o poema valoriza a liberdade e a individualidade da filha, permitindo que ela escolha seu próprio caminho, onde quer que decida ir. A mensagem de apoio e encorajamento em que a sujeita poética transmite a filha são, portanto, uma forma de lembra-la de que sua identidade é moldada tanto pelas pessoas que vieram antes dela quanto pelas suas próprias escolhas e experiências futuras.

A imagem poética materna se manifesta no poema ao tentar fornecer à filha raízes, identidade e segurança, valorizando a memória afetiva. A raiz é comparada ao papel que a sociedade patriarcal espera que uma mãe desempenhe, oferecendo sustento, estrutura e suprimindo as necessidades de seus filhos. Dessa forma, os conceitos de "raiz" e "cuidado materno" estão intimamente relacionados, pois são considerados essenciais para o crescimento, proporcionando nutrição, estabilidade, apoio emocional, conexão e senso de pertencimento

Por fim, observa-se ainda nos dois últimos versos “Assim você terá raízes/ onde quer que você escolha ir” o uso da segunda pessoa como recurso de endereçamento, mas fica muito claro que esse endereçamento ocorre a partir de um outro, através de um cuidado não apenas familiar, mas comunitário. A poesia completa de Ballah, em uma primeira leitura, parece ser só para sua filha, em outros para uma filha hipotética, porém com o traço de ser negra, em outros momentos parece ser para ela mesma no lugar da filha, mas ao longo do caminho toma outra dimensão que é mais geral, mais comunitária.

O endereçamento é, portanto, apresentado como um tipo de vínculo que desafia as noções de tradicionais de presença física e identidade. O endereçamento não se refere apenas a si mesmo, mas ao outro, ao “impróprio”, ou seja, àquele que é diferente de nós mesmos. Sendo assim, sobre este conceito, *no Indicionário do Contemporâneo (2018)*, afirma-se:

É possível caracterizar, assim, para encerrar este percurso, o endereçamento como um conceito estético que ilumina problemáticas atuais em torno da pergunta pela convivência e pela comunidade, pela subjetividade e pela alteridade, que põem em evidência um tipo de laço que questiona as lógicas da copresença e da identidade, na medida em que não se refere ao próprio, mas ao impróprio, que se funda no desentendimento e que imagina um sujeito em sua incompletude e em sua alteridade infinitas. O endereçamento nos convoca a imaginar uma política do inimaginável (2018, p. 53)

A JORNADA DO CUIDADO DE SI E DO OUTRO

Por que utilizar o termo maternagem ao invés de maternidade para o estudo dessa poesia? Porque esse se distancia do conceito tradicional de maternidade, que muitas vezes é associado apenas às mães biológicas e pode excluir outras formas de cuidado parental. Ele busca enfatizar a importância do cuidado, do afeto e do suporte emocional na criação de uma criança, independentemente das configurações familiares ou dos papéis de gênero. A poesia, apesar de ser uma forma de expressão singular, onde o poeta dá voz à sua individualidade, ao mesmo tempo é anônima, busca estabelecer uma conexão com a experiência compartilhada, tocando o leitor, independente de quem seja.

Através da sujeita poética colocada em cena na poesia de Key Ballah, se desenvolve uma rede de afetos entremeados por situações coletivas e individuais, que dão conta de sentimentos e sensações diversas: amor, medo, alegria, dor, esperança. Dessa maneira o leitor é inserido nessa teia de afetos em uma poesia que fala do Outro e para o Outro, e da relação deste com o eu. Nos poemas, a maternagem se evidencia diante do propósito de construção de uma obra que visa o (trabalho de) cuidado, a orientação, o sermão e zelo, práticas que se imagina que uma mãe deva exercer. Sendo assim, para este capítulo, iremos trabalhar poemas que, em sua essência, tratam destes temas e para que seja possível compreendermos como estes temas estão amplamente conectados a uma série de problemas sociais, de raça e gênero, iremos recorrer a algumas explicações teóricas dentro do campo de estudos das políticas feministas.

"A representação literária da mulher negra, ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor, não desenha

para ela a imagem de mulher-mãe, perfil desenhado para as mulheres brancas em geral" (EVARISTO, 2005, p. 52). Essa afirmação ressalta a importância do livro de Key Ballah, que desempenha o papel de valorizar a própria existência por meio da maternidade literária, uma forma de abordar a literatura a partir da perspectiva da maternagem. Esse engajamento está enraizado na necessidade política de lutar pela afirmação, tanto na literatura quanto na vida cotidiana.

Mulheres negras, por exemplo, estão em uma situação em que as possibilidades são ainda menores – materialidade! – e, sendo assim, nada mais ético do que pensar em saídas emancipatórias para isso, lutar para que elas possam ter direito a voz e melhores condições (RIBEIRO, 2017, p.25).

O termo "maternagem" refere-se ao conjunto de práticas, cuidados e responsabilidades envolvidos na criação e educação de uma criança. Ele vai além do simples ato de ser mãe biológica e abrange todas as formas de cuidado e envolvimento na criação de uma criança, independentemente do gênero ou da relação biológica. A responsabilidade pelo cuidado e pelo desenvolvimento saudável de uma criança não é exclusiva da mãe biológica, mas pode ser compartilhada por uma variedade de pessoas, como pais adotivos, avós, tios, irmãos e outros membros da comunidade.

A noção de maternagem, quando considerada em sua dimensão política, reconhece que a criação de uma criança requer um esforço coletivo, no qual todas as pessoas envolvidas têm a responsabilidade de fornecer um ambiente seguro, amoroso e estimulante para seu crescimento e desenvolvimento saudável.

Sabe-se que as mulheres carregam uma grande carga de trabalhos domésticos e de cuidado que envolvem tarefas emocionais. Essas responsabilidades, que muitas vezes são vistas como parte do dia a dia, da exaustão e do cotidiano, também podem encontrar espaço na poesia. Nos poemas, a maternagem, dentro desse modo de cuidado que é constantemente proposto, é explorada, sonhada e torna-se uma ação necessária, mesmo sendo uma tarefa árdua e desgastante. Na poesia de Key Ballah, a maternagem é abordada de maneiras diferentes em termos estilísticos e temáticos. Em alguns momentos, ela enfatiza as emoções e as experiências pessoais, enquanto em outros momentos, ela propõe uma abordagem crítica e política.

Segundo Valéria Esquivel (2015), os cuidados, em nossa sociedade, não são reconhecidos nem valorizados, como se a sua nula (ou magra) remuneração implicasse em sua gratuidade. O termo “trabalho de cuidado” vem sendo substituído dentro de uma ampla gama de conceitos e termos relacionados ao cuidado, como “economia do cuidado”, “organização social do cuidado”, “regime de cuidado”. As contribuições acadêmicas que abrem espaço para essas novas vertentes permitiram descaracterizar o cuidado como sendo próprio das mulheres e deslocá-lo do âmbito privado das opções pessoais para torná-lo público e politizável. Silvia Federici, em seu livro *O Ponto Zero da Revolução* (2019), reconstrói os caminhos do feminismo anticapitalista e anticolonialista, e constata que o capitalismo necessita do trabalho não remunerado das mulheres para acumular valor e continuar existindo.

Diante disso, entende-se que a preocupação e responsabilidade em ensinar o autocuidado à filha recai sobre as mulheres, reforçando o estereótipo de gênero e contribuindo para a sobrecarga feminina. Ao atribuir predominantemente às mulheres a tarefa de ensinar o autocuidado, há uma expectativa de que elas sejam as principais provedoras de cuidado para os outros.

No poema a seguir temos a figura da sujeita poética mãe orientando/aconselhando/cuidando:

Seja gentil com o seu corpo.
Ele falará por você,
ou contra você algum dia.
Lembre-se.
(2014, p. 4 , tradução: Vitória Daumas)⁹

Percebemos que este poema de quatro versos livres, sem rima e sem título, é marcado pelo uso da segunda pessoa, pelo verbo no imperativo que o inicia e outro que o encerra: “seja” e “lembre-se”. Essas “ordens” ou “conselhos” se relacionam com o título do livro, cumprindo com as orientações e cuidados que foram propostos desde o início. Através desses modos verbais, revela um possível diálogo, ou seja, o poema é endereçado a alguém. Além disso, o poema é composto por três versos curtos, cada um terminado em ponto final, que enfatiza a separação e a importância individual de cada ideia expressa.

A partir do segundo verso, o poema toma forma de lição, de ameaça, uma lição a partir do medo: “por você ou contra você”, esse embate dá ao leitor apenas uma escolha: ser gentil; caso contrário, haverá consequências. Em cada verso uma ideia diferente e mais marcada é colocada, o que cria o efeito dele ser totalmente direto e objetivo,

⁹ Be kind to your body/It will speak for you/or against you one day./Remember.

totalmente direcionado para a pessoa mais importante do poema: “você”, embora ela esteja fora do poema.

Poderia um corpo falar? De diversas formas. Ele se manifesta através de várias experiências e sensações. Os dedos batendo na mesa, a dor de cabeça, a gastrite, o refluxo e a ansiedade, o nó na garganta, a insônia, as alergias, a dificuldade de respirar, as dores nas pernas e as marcas do tempo no rosto. O corpo fala. O poema sugere que devemos ser gentis com nós mesmos para evitar a degradação causada pelas exigências do mundo. Ser gentil também implica em compreender as mudanças inevitáveis que ocorrerão.

O poema destaca que o corpo tem uma voz própria, transcendendo sua materialidade. Ele é uma expressão de nossa identidade e dos cuidados que dispensamos a ele. As condições e a saúde do corpo têm um impacto direto em como nos sentimos e nos expressamos. Essa reflexão ressalta a importância de cuidar do corpo, reconhecendo-o como um instrumento vital para nossa existência e comunicação. Ao ser gentil e atento a ele, podemos preservar sua integridade e promover nosso bem-estar físico e emocional.

O corpo, enfatizado pela sujeita poética em uma parte dedicada inteiramente a ele no livro, frequentemente parece ser tratado não apenas como um corpo físico, composto por membros e órgãos, mas como uma entidade separada. Em outro poema lemos:

Seu corpo
é uma terra graciosa
mostre-o piedade
Sempre
(2014, p.1, tradução minha)¹⁰

Em outro reafirma:

Você é alma
Não é um corpo
Seu corpo vai envelhecer e morrer,
Mas você
Sua essência
Isso é infinito.
(2014, p.73, tradução minha)¹¹

A todo momento, essa figura materna está atenta e preocupada em cuidar e preservar a segurança da figura da "filha". Para uma escritora negra, assumir o controle do seu próprio corpo representa uma ruptura com o estereótipo objetificável que foi produzido e idealizado ao longo da história pelo olhar colonizador, relegando-a a uma posição de servidão e subalternidade.

¹⁰ Your/body/is a gracious land./show ir mercy./Always.

¹¹ You are a soul./Not a body./Your body will wither and die,/but you,/your essence,/that is infinite.

Key Ballah revela, na mesma entrevista, que para ela a libertação está intrinsecamente ligada à escrita, ao testemunhar pessoas mudando suas opiniões ao ouvirem suas histórias e lerem seus poemas sobre supremacia branca e colonialismo. Libertar-se é assumir a responsabilidade de sua própria verdade e entender como ela afeta o mundo ao seu redor. É tomar seu lugar de fala, assumir o controle de si mesma e romper com os moldes estabelecidos pela sociedade. Significa assumir o protagonismo de seu próprio corpo, transformando-o em um instrumento de expressão e expansão.

“Seu corpo é uma terra graciosa / mostre-o piedade/ Sempre”, o poema, em forma de figura de linguagem, usa a metáfora para descrever o corpo de alguém. É provável que seja da filha. Essa metáfora sugere uma conexão entre o corpo e a terra, o corpo e a terra, enquanto 'lugares' férteis e expansivos. O poema implica em ter uma atitude compassiva em relação ao nosso corpo. “Sempre” ressalta a importância de manter essa postura de piedade e cuidado ao longo do tempo, incorporando-o em nosso estilo de vida e em nossas escolhas diárias.

Você é alma /não é um corpo /seu corpo vai vencer e morrer, /mas você /sua essência / isso é infinito, expressa uma perspectiva que destaca a imortalidade da alma em contraste com a mortalidade do corpo físico. Ela sugere que, embora o corpo esteja sujeito ao envelhecimento, doenças e morte, a essência ou a alma de uma pessoa é infinita e transcende essas limitações. O que a sujeita mãe tenta ensinar é a valorização da essência, do que realmente importa, para que as coisas materiais não a tornem uma mulher preocupada apenas com a materialidade, mas alguém que busca por uma vida plena e significativa.

O seguinte poema expõe novamente a questão das experiências e do corpo de forma significativa. Ballah, no decorrer do livro, expõe experiências que podem ser pessoais, sociais ou as duas coisas ao mesmo tempo. Sendo este livro uma forma de guia para outra pessoa, todos os poemas se baseiam em uma forma de cuidado, um cuidado que algumas vezes é revelado por uma voz de autoridade.

Afirmção:

Esse corpo é corajoso mesmo quando eu não sou.

Mesmo quando estou um poço de tristeza,

esse corpo carrega bem o peso,

e eu não sou um ser leve.

(2014, p. xxxx, Tradução minha) ¹²

O título do poema sugere uma sequência de afirmações que podem pertencer a uma prática que, de acordo com Gary Chapman, autor do livro *As cinco linguagens do amor* (1992), representam uma das cinco formas de como você dá e recebe amor. As palavras de afirmação, sejam faladas ou escritas, se tornam um meio de empatia e apoio. Pessoas que possuem essa linguagem do amor sentem-se amadas e valorizadas quando escutam palavras positivas sobre suas ações ou caráter. Este poema, como guia para a futura filha, é composto por versos que podem necessitar de repetição, para que aquelas frases sejam afirmadas e lembradas todos os dias. Sendo assim, também é possível entendê-lo como uma tentativa de ensinamento através da atração, servindo assim como mantra.

O poema é composto por cinco versos sem rimas, que vão ficando mais curtos, cuja linguagem é simples e de fácil compreensão. Parece haver uma certa ironia no primeiro verso “Afirmção”, pois a sujeita não precisa afirmar que afirma, simplesmente afirma, o que torna a frase redundante. Dessa forma, entende-se que o que será dito posteriormente se trata de algo que precisa de afirmação, ou seja, algo que não é óbvio, mas que precisa ser reivindicado, lembrado e colocado.

“Esse corpo é corajoso mesmo quando eu não sou”/ “esse corpo carrega bem o peso”, chama-se atenção a escolha do pronome esse, que traz uma ideia do corpo separado do “eu”, o corpo não como sendo a própria sujeita poética, mas como uma representação de algo além dele, que existe e funciona de forma independente. Entender o corpo como algo a parte de si, traz a ideia de que esse ser não está sozinho, pois possui esse corpo físico, material, que suporta o peso, as dores e as tristezas. Há uma separação entre o eu e o corpo, como se fossem duas entidades distintas. O pronome demonstrativo “esse” é usado para indicar algo que está próximo da pessoa com quem se fala, mas distante da pessoa que está falando. De qual corpo o poema está se referindo? O corpo da segunda pessoa ou o corpo do próprio eu poético que se coloca distante do seu próprio corpo?

Sendo o corpo imprescindível na identificação das diferenças, quando escrito dentro de uma literatura de autoria feminina negra, compõe-se de diversos aspectos

¹² Affirmation:/This body is brave even when I am not./Even when I am a puddle of sadness,/this body carries the weight well,/and I am no light being.

sociais, culturais e políticos, sendo a abjeção, invisibilidade e vulnerabilidade, questões fundamentais a serem enfatizadas. Ao mesmo tempo em que o corpo assume uma posição de independência, é imprescindível associá-lo ao processo de edificação da própria identidade histórica do indivíduo e sua raça, como matéria que carrega a luta dos antepassados. Para além da sua materialidade biológica, por mais forte que seja, assume e cumpre uma função ideológica, principalmente ao fato do corpo negro estar mais suscetível à possibilidade de ser afetado. Atravessado por marcas e violência, o corpo negro – ao longo de toda história – se viu atravessado pela necessidade de resistir.

O poema caracteriza, tenta construir, esse corpo como corajoso e reforça a resistência em que ele foi e ainda é submetido. Em uma definição geral, corajoso é alguém que não tem medo ou não demonstra ter; é valente, destemido e bravo. No entanto, a sujeita poética não se coloca nessa mesma posição, permitindo-se ser frágil ou até mesmo covarde, reconhecendo sua fragilidade e seus medos. Existe, portanto, uma forma de aceitação e autocuidado diante da possibilidade de não lutar constantemente contra suas fraquezas.

Essa possibilidade de aceitação e cuidado de si mesmo ganha ainda mais relevância quando consideramos as condições das mulheres negras, conforme ressaltado por Angela Davis em seu livro *Mulheres, Raça e Classe*, ela ressalta que “as mulheres negras dificilmente poderiam lutar por fraqueza; elas tiveram de se tornar fortes, porque sua família e sua comunidade precisavam de sua força para sobreviver.” (p. 243).

O próximo poema talvez seja o único em que a sujeita poética aborda o corpo por meio do fenômeno biológico da maternidade e da geração:

Quando eu tiver uma filha eu vou contar para ela
 Você cresceu entre as rachaduras da minha pele,
 Eu construí você,
 célula por célula,
 em nove luas cheias,
 uma flor crescida do sangue.
 Em algum lugar em sua bela mente vive a
 memória distante, de amar apenas o som da minha voz
 e o lento martelar do meu coração,
 você confiou em mim antes de me conhecer.
 Portanto, se você questionar sua capacidade de amar plenamente,
 lembre-se de que já amou antes, e amará novamente. (BALLAH, 2014,
 página. Tradução minha)¹³

¹³ When I have a daughter I will tell her/You grew between the cracks of my/skin,/I built you,/cell by cell,/over nine full moons,/a flower grown from blood./Somewhere in your beautiful mind lives/the distant memory, of loving only the/sound of my voice and the slow ham-/mer of my heart./you trusted me before you knew me./So if you ever question your capability/to love fully, remember you have loved/before, and you will love again.

O poema de Key Ballah explora a capacidade biológica da mulher de conceber, desenvolver e dar à luz um novo ser. Nele, há uma associação entre a gravidez e os movimentos de rotação, mencionados por meio da referência às 9 luas cheias, que representam o tempo de gestação. O uso dos elementos da natureza, como "lua" e "flor", contribui para descrever o período de desenvolvimento do bebê.

O verso "uma flor crescida do sangue" cria a imagem poética do bebê como um ser puro, sensível e indefeso, semelhante a uma flor que cresce a partir do sangue. Essa imagem pode evocar tanto ideias de sacrifício e violência, relacionadas ao parto e às transformações do corpo materno, quanto de vitalidade e sustento, já que o sangue é responsável por transportar oxigênio, nutrientes, hormônios e células de defesa, sendo essencial para a sobrevivência e o funcionamento do organismo.

A utilização desses elementos da natureza no poema enfatiza a conexão profunda entre a mulher, sua capacidade reprodutiva e a própria natureza. Além disso, eles contribuem para criar uma atmosfera poética e simbólica, explorando diferentes camadas de significado relacionadas à maternidade e à criação de vida.

“Quando eu tiver uma filha eu vou contar para ela”, esse verso afirma que a sujeita poética terá uma filha e no decorrer do poema, como já vimos, esse momento é descrito através da concepção natural, nesse sentido a sujeita poética incorpora seu “destino biológico”. Essa ideia de acreditar na maternidade enquanto parte intrínseca e intuitiva em si apenas por ser mulher é o que, ao longo do tempo, trouxe muitos danos para a vida das mulheres. Em uma sociedade em que a maioria acredita que a mulher “é feita para ser mãe” e, mais especificamente, uma boa mãe, lutar para fazer “seu papel” com maestria requer um custo alto.

Apesar das grandes contribuições para a libertação da mulher, os movimentos feministas em seus anos iniciais refletiam preconceitos de raça e de classe das participantes. Enquanto as mulheres brancas de classe média com formação acadêmica argumentavam que a maternidade e todo conjunto de atividades que compõem os trabalhos de cuidado eram problemas para a liberdade da mulher, as mulheres negras certamente identificariam outros problemas mais relevantes para se enfrentar em busca da liberdade. Apesar das grandes contribuições para a libertação da mulher, os movimentos feministas em seus anos iniciais refletiam preconceitos de raça e de classe das participantes. Enquanto as mulheres brancas de classe média com formação acadêmica argumentavam que a maternidade e todo conjunto de atividades que compõem os trabalhos de cuidado eram problemas para a liberdade da mulher, as mulheres negras certamente identificariam outros problemas mais relevantes para se enfrentar em busca da liberdade.

No ensaio "O filho homem: reflexões de uma lésbica negra e feminista", Audre Lorde oferece uma crítica importante das normas tradicionais de maternidade e destaca a necessidade de uma compreensão mais inclusiva e sensível das experiências de maternagem, particularmente no contexto das mulheres negras e lésbicas, dentro do movimento feminista e da sociedade em geral. No decorrer do ensaio aponta diversas questões que mostram o desafio e a dificuldade em educar uma criança sendo mulher, negra e lésbica: "Para sobreviver, crianças negras nos Estados Unidos têm de ser educadas para ser guerreiras. Para sobreviver, elas também têm de ser educadas para reconhecer as muitas faces do inimigo" (1984, p. 94). Em outro momento afirma:

Criar crianças negras - meninas e meninos - na boca de um dragão racista, machista e suicida é perigoso e arriscado. Se eles não puderem amar e resistir ao mesmo tempo, provavelmente não vão sobreviver. E, para que sobrevivam, precisam se desprender. É isto o que as mães ensinam - amor, sobrevivência -, ou seja, definição de si e desprendimento. Para cada uma dessas lições, a capacidade de sentir intensamente e de reconhecer esses sentimentos é central: como sentir amor, como desconsiderar o medo nem ser dominado por ele, como experimentar a alegria de sentir profundamente." (1984, p. 92)

Audre Lorde discorre ainda sobre a maternagem:

E nesse mundo criaremos nossas crianças livres para escolher a melhor maneira de se sentir realizadas. Pois somos coletivamente responsáveis pelo cuidado e pela criação dos jovens, uma vez que criá-los é, enfim, uma função da espécie. (...) a criação de crianças

será responsabilidade conjunta de todos os adultos que escolherem se associar a elas. (1984, páginas 98 – 99)

No livro *Teoria feminista: da margem ao centro* (2019), bell hooks sugere uma mudança de foco na teoria feminista, buscando dar voz e visibilidade às experiências das mulheres marginalizada, em especial às mulheres negras, que muitas vezes foram deixadas às margens dos debates e análises feministas. No capítulo “Parentalidade Revolucionária”, explica de forma aprofundada porque, para as mulheres negras, o trabalho no contexto familiar era considerado como um trabalho humanizador, um trabalho que dava a elas identidade de mulheres, de seres humanos capazes de amar e cuidar, simples atos que as ideologias de supremacia branca, ao longo dos anos de racismo e desumanização, alegaram que pessoas negras não eram capazes de expressar.

Duplamente oprimidas, as mulheres negras enfrentam tanto o racismo quanto o sexismo. O contexto social e histórico de racismo estrutural e violência sistêmica, impacta diretamente as experiências maternas das mulheres negras. No geral, a “Parentalidade Revolucionária” analisada por bell hooks busca transformar as estruturas tradicionais de criação dos filhos, promovendo relações parentais mais igualitárias, amorosas e libertadoras. Ela desafia as normas de gênero, promove o amor e o cuidado, valoriza o diálogo e a comunicação, e busca desconstruir padrões opressivos.

Diante dessa perspectiva afetuosa, onde há uma tentativa a todo momento de cuidar, de zelar, de preservar, os poemas de Key Ballah transitam pelos aspectos maternos, uma maternidade que é individual, mas ao longo no tempo vai se tornando pública. O título sugere que esse cuidado seja direcionado à figura da filha da sujeita poética, mas fica claro que é para qualquer filha que esteja lendo ou para qualquer pessoa envolvida nos trabalhos de cuidado, nas práticas da maternagem.

A "chuva" é utilizada como uma metáfora para representar os momentos difíceis, as tempestades emocionais e os obstáculos que a filha pode enfrentar ao longo de sua jornada. O título sugere a intenção da mãe em fornecer à sua filha habilidades, conhecimento e recursos para enfrentar os desafios e adversidades que surgirão em sua vida. O uso do verbo no gerúndio "preparando" indica uma ação em progresso, ou seja, uma ação contínua e constante.

Esse processo de preparação e cuidado proposto pela sujeita poética não possui um começo definido, nem um fim determinado, pois estará sempre acontecendo. A mãe está comprometida em estar presente e disponível para auxiliar sua filha em todas as

etapas da vida, continuamente preparando-a para os desafios que ela encontrará. A metáfora da chuva e a ideia de um processo em andamento destacam a importância do cuidado constante e da preparação contínua para enfrentar as adversidades da vida.

Acredito que o poema a seguir seja aquele que melhor sintetiza de forma significativa a ideia da "chuva" que a sujeita poética teme que sua filha enfrente, mas que, ao reconhecer a inevitabilidade desses desafios, se empenha em prepará-la:

Eu rezo para que você nunca esteja infectada pelas inseguranças
que atormentaram sua mãe.

Ou a devastação da madrugada que vem de não amar nem
mesmo um pedaço de si mesma.

Eu rezo para que você nunca acorde de manhã,
com a solidão esperando por você no pé da sua
cama.

Eu garanto que ela não é companheira.

Eu rezo para poder te ensinar o valor do seu corpo, o valor do
seu coração.

Eu rezo para que você nunca se encontre ajoelhada na frente de
um banheiro, com dois dedos pressionados na parte de trás de
sua língua, tentando pintar o vaso sanitário em sua auto-aversão.
É uma cor que é inconveniente, até mesmo em você.

Eu rezo para que eu possa te ensinar que a beleza é subjetiva;
isso é algo que eu não comecei a entender até ter pelo menos
vinte anos.

Eu rezo acima de tudo para que você aprenda como a oração
Fajr é importante. E como você é verdadeiramente abençoado
por ser uma
mulher.¹⁴

Alguns traços desse poema evidenciam que a perspectiva da mulher negra, enquanto mãe, ao cuidar e orientar sua filha, bem como suas preocupações em mantê-la segura, saudável e feliz, podem ser diferentes das experiências das mães brancas. Os pronomes pessoais "você" e "eu" são frequentemente utilizados ao longo do poema, estabelecendo uma relação entre a sujeita poética e o interlocutor, provavelmente uma figura feminina, possivelmente uma filha.

¹⁴ I pray you are never infected by the insecurities/that plagued your mother./Or the late night
devisation that comes from not/loving even a sliver of yourself./I pray that you never wake up in
the morning,/with loneliness waiting for you ate the foot of your/bed./I promise he is no
companion./I pray i can teach you the value of your body, the / value of your heart./I pray that
you never find yourself kneeling in/front of a toilet, with two fingers pressed down/into the back
of your tongue, trying to paint the/toilet bowl in your self-loathing./It is a colour that is
unbecoming, even on you./I pray that I can teach you that beauty is subjec-/tive; this is
something I didn't begin to under-/stand until I was at least twenty./I pray most of all, that you
learn how important/fajar is. And how truly blessed you are to be a/ woman.

O poema aborda as inseguranças que atormentaram a mãe e sua preocupação com o impacto delas na filha. Essas inseguranças podem ser resultado do impacto de estereótipos e preconceitos raciais presentes na sociedade, os quais afetam a autoestima e a confiança das mulheres negras. A solidão é descrita como um sentimento que pode aguardar a interlocutora logo pela manhã, ao pé da cama. Isso pode refletir a experiência de isolamento social e emocional enfrentada por muitas mulheres negras devido à marginalização e discriminação racial.

O poema expressa ainda o desejo de ensinar à filha o valor de seu corpo e de seu coração. Isso pode ser interpretado como um apelo para que a interlocutora desenvolva amor-próprio e autoaceitação, valorizando sua identidade e individualidade em um contexto onde os padrões de beleza e as expectativas sociais muitas vezes marginalizam as mulheres negras.

Por último, menciona a oração Fajr, que é uma das cinco orações diárias obrigatórias no Islã. Ela é realizada antes do amanhecer, quando o céu começa a clarear, e é considerada uma das orações mais importantes do dia. Fajr significa "alvorecer" em árabe, e essa oração marca o início do período de adoração matinal. É uma prática significativa para os muçulmanos, pois demonstra sua devoção e submissão a Deus. A ideia de que a interlocutora é verdadeiramente abençoada por ser uma mulher podem indicar a importância da espiritualidade e da conexão com a religião como fonte de força, esperança e resiliência diante dos desafios enfrentados pelas mulheres negras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que quer

O que pode esta língua?

(Língua - Caetano Veloso)

O que se pretende com a obra de Key Ballah? A Teoria dos Atos de Fala, proposta inicialmente por John Langshaw Austin e depois incrementada por John Searle, talvez consiga nos dar pistas para responder essa pergunta. A Teoria defende que a fala vai além do ato de transmitir informações, além de descrever um estado de coisas. Para Searle, falar serve também para realizar uma intenção, é, portanto, uma forma de agir sobre o interlocutor e sobre o mundo. O ato de fala é a ação através do dizer, que visa obter – intencionalmente - algo do alocutário. Nesse sentido, todos os poemas abordados, assim como toda obra mencionada, têm como pano de fundo uma intencionalidade, a escrita performativa de Key Ballah construída através da sujeita poética mãe, dispõe de um desejo, uma tentativa de construir nessa futura filha um ser forte, corajoso. O objetivo está claro desde o prefácio, lê-se novamente:

Eu escrevi isso para a minha futura filha.
Eu oro para que a dor desta vida
nunca aperte sua garganta
ou endureça seu coração.
É melhor ser uma pilha de ossos moles,
do que uma parede, feita inteiramente de concreto.
- Eu te amo ¹⁵

Através dos poemas, é possível observar que a identidade negra transita por espaços coletivos, o que a torna um fator de construção social, influenciado pela forma como o outro enxerga a si próprio e o oposto. Um dos fatores essenciais para a construção da identidade negra é a história, que ao longo do tempo foi narrada predominantemente do ponto de vista de outras perspectivas. No entanto, Key Ballah aborda essa temática de maneira indireta, focando principalmente no cuidado de si mesmo e dos outros, bem como na tentativa de fortalecer os laços afetivos. Consequentemente, por meio dos relatos da sujeita poética negra, o livro adquire uma dimensão política

Diante das considerações apresentadas, tanto do corpus poético quanto do conjunto de textos teóricos e críticos utilizados para compor este trabalho, foi possível

¹⁵ I wrote this for my future daughter./I pray that the pain of this life,/never ever tightens your throat,/or hardens your heart./It is better to be a pile of soft bones,/than a wall, made entirely of concrete,/ I love you.

conhecer e aprofundar-se em uma obra que se desenvolve de forma política, atravessada pela política do cuidado e pelos aspectos maternos. Essa obra transita entre o público e o privado, percorrendo caminhos que permitem análises de diversos fenômenos sociais, como identidade e memória, visando o coletivo e a comunidade. Além disso, a poesia de Key Ballah cria uma rede de afetos envolta em reflexões que buscam conquistar novos espaços.

Sendo assim, a poesia de Ballah encontra-se entre lugar que se expande em direção a campos de reflexão que vão além do poético, atingindo patamares de discussão sobre cultura, política, língua(gem), psicanálise etc, e isso se produz no bojo de uma escrita simultaneamente pessoal e coletiva, autobiográfica e experimental, como se a experiência da alteridade (isto é, com o outro e do outro em si mesmo) abalasse a linguagem do poema a ponto de fazê-lo singularizar a relação sujeito-comunidade. Não é possível ler este livro de poemas como um livro que não te afeta, pois ele está a todo momento procurando mexer com a gente.

BIBLIOGRAFIA

BALLAH, K. *Preparing My Daughter For Rain*. [s.l.] Createspace Independent Publishing Platform, 2014.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Editora do Unochapecó Chapecó, 2009.

BRAVO, T. *A liberação através da escrita: uma conversa com Key Ballah*. Disponível em: <<https://medium.com/mulheres-que-escrevem/a-libera%C3%A7%C3%A3o-atrav%C3%A9s-da-escrita-uma-conversa-com-key-ballah-50b1af3b7c91>>.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe* [recurso eletrônico] / Tradução Heci Regina Candiani. – 1ª ed. São Paulo> Boitempo, 2016. Disponível em: file:///C:/Users/andre/Documents/preparandominha%20filha%20para%20a%20chuva/Feminismo/Angela%20Davis_Mulheres,%20raca%20e%20classe.pdf.

ESQUIVEL, Valeria. *El cuidado: de concepto analítico a agenda política*. Nueva Sociedad. Disponível em: <<https://www.nuso.org/articulo/el-cuidado-de-concepto-analitico-a-agenda-politica/>>. Acesso em: 27 abr. 2023.

EVARISTO, C. *Da representação a auto-representação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira*. Revista Palmares: Cultura Afrobrasileira. Ano I, numero1, ago. p. 52-57, 2005.

FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. Tradução de Coletivo Sycorax — São Paulo: Elefante, 2019. 388 p.

HOOKS, bell. *Teoria Feminista: da margem ao centro*. Editora: Perspectiva; 1ª edição (31 outubro 2019)

HOOKS, bell. *Vivendo de Amor*. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>>. 2010

KLINGER, Diana. *Escrita de si como performance*. Revista Brasileira de Literatura Comparada, n.12, 2008.

KOSHIBA, Maria. *O Sagrado Feminino e a potência do corpo para ser cíclico*. 2023. Disponível em <<https://www.dicasdemulher.com.br/sagrado-feminino/>>

LIMA, Antonio. *Mulheres e o abandono da figura paterna: considerações teórico-clínicas a partir da psicologia analítica*. Estudos de Psicologia I Campinas. 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/wn6nHN5SkWwYpnW3frsfHyP/?format=pdf&lang=pt>>.

MACHADO, Regiane. O SAGRADO FEMININO: PODER QUE VEM DE DENTRO - DESPERTAR, CURA E EMPODERAMENTO DE MULHERES

MENDONÇA, Maria. CRUZ, Milena. *Maternidade nas Mídias*. FACOS –UFSM, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/21291/Maternidade%20nas%20M%C3%ADdias.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2023.

NETO, Joacy. Ana Cristina Cesar e Paulo Leminski trocam cartas. Revista Outra Travessia. Universidade Federal de Santa Catarina. 1º Semestre de 2013. Disponível em [file:///C:/Users/andre/Downloads/30884-Texto%20do%20Artigo-102630-1-10-20131003%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/andre/Downloads/30884-Texto%20do%20Artigo-102630-1-10-20131003%20(3).pdf)

PEDROSA, Celia. KLINGER, Diana. WOLFF, Jorge. CÂMARA, Mario. *Indicionário do Contemporâneo*. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2018

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

REMENCHE, Maria. SIPPEL, Juliano. A escrivência de Conceição Evaristo como Reconstrução do Tecido da Memória Brasileira. Cadernos de Linguagem e Sociedade. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. 2019. Disponível em: <[file:///C:/Users/andre/Downloads/scamplo,+23381-Texto+do+artigo-52994-1-11-20190704%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/andre/Downloads/scamplo,+23381-Texto+do+artigo-52994-1-11-20190704%20(1).pdf)>.

SANTOS, Adriana. BAUMGARTEL, Stephan. *Dos guetos que habito: negritudes em procedimentos poéticos cênicos*. Julho, 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101242015028/4478>>.

SOUZA, Heleine. Poesia Afro-feminina e resistência ao epistemicídio através das poéticas de Conceição Evaristo, Livia Natália e Tatiana Nascimento. UFRJ. 2019. Disponível em: <<file:///C:/Users/andre/Downloads/tes-2019-heleine-fernandes-de-souza-poesia-afro-feminina-e-resistencia.pdf>>